

---

## ***Drags e transformistas na Comunicação: estado da arte dos anais dos Grupos de Pesquisa da Intercom nacional de 2001 a 2021***<sup>1</sup>

Douglas Ostruca<sup>2</sup>  
Gilmar Montargil<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

Esta pesquisa apresenta um estado da arte de estudos sobre *drag queens* e transformistas realizados no campo da Comunicação. Nessa oportunidade, trazemos os resultados de um mapeamento quanti-quali dos anais dos Grupos de Pesquisa da Intercom nacional no período entre 2001 e 2021, onde foram encontrados 14 artigos. Na primeira etapa do levantamento consideramos: o total geral; a produção acadêmica em cada ano; e, a incidência de determinados termos-chave destacados nas pesquisas. Já na segunda etapa, levamos em conta o contexto de uso dos termos *drag*, transformista/transformismo e Comunicação nos trabalhos. Notamos que parte dos estudos têm base em definições estabelecidas acerca dos fenômenos *drag* e transformista, enquanto outro conjunto apresenta proposições específicas a partir dos conceitos em discussão em cada artigo.

### **Palavras-chave**

Comunicação; *Drag queen*; Transformismo; Performance; Estudos *queer*;

### **Introdução**

Entre os estudos que se articulam ao fenômeno *drag*, Judith Butler parece ser uma das pesquisadoras responsáveis por colocar essas figuras em evidência na cena acadêmica. Acreditamos que no pensamento da filósofa, os processos implicados nas montagens *drag queen*, para além de exemplificar seus argumentos, são elementos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorande em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Membro do Núcleo Corporalidades do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas das Comunicação (GPESC).

<sup>3</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGEL/UTFPR) e Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Membro do Núcleo Corporalidades do Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas das Comunicação (GPESC).

implicados na composição dos próprios conceitos. Esse é o caso da performatividade subversiva de gênero (1999) e da melancolia de gênero (1993; 1997). A própria filósofa sugere que a *drag queen* opera como “figura iconográfica”<sup>4</sup>, como “alegoria”<sup>5</sup>, ao tratar da melancolia de gênero, chegando a falar em uma “teoria hiperbólica”, uma “lógica *drag*” (BUTLER, 1997, p. 163). Portanto, a filósofa está produzindo teorias a partir de aspectos observados no fenômeno em questão.

Junto de Judith Butler, encontramos outras autoras, autores e autories abordando os fenômenos *drag queen* e *drag king* no âmbito dos estudos *queer*. Esse é o caso de Jack Halberstam (1998; 2005), o qual também trabalhou com De LaGrace Volcano em “*The drag king book*” (1999). Ainda localizamos discussões sobre o fenômeno *drag* em Paul Beatriz Preciado (2014; 2018) e em Sam Bourcier (2020). Paralelo a essas discussões no âmbito acadêmico, por volta de 1995 ocorre a projeção internacional das músicas de RuPaul nas rádios. Posteriormente, em 2009, acontece o lançamento do reality show *RuPaul’s Drag Race*, o qual atualmente está em sua 14ª temporada e se desdobra em distintos *spin-offs*<sup>6</sup>. Essa série televisiva alcançou sucesso global e não só ampliou a visibilidade do fenômeno *drag* como, também, influenciou a montagem de uma nova geração de *drags*.

Contudo, apesar desses desdobramentos acadêmicos e do alargamento na visibilidade dos fenômenos *drag* através de produções midiáticas, ainda não há no Brasil um levantamento acerca das pesquisas sobre *drag queens* que considere um trabalho de análise crítica de como os conceitos e os objetos são compreendidos no cenário nacional. Diante disso, decidimos realizar esse estado da arte das pesquisas sobre *drag queens*, *drag kings* e transformistas, desenvolvidas no campo da Comunicação. Nesse ensejo, apresentamos os resultados do mapeamento de artigos publicados nos anais dos Grupos de Pesquisa (GP) da Intercom Nacional entre 2001 e 2021.

## Metodologia

A motivação de se fazer um estado da arte acerca de *drags* e transformistas, surge da necessidade de se conhecer a produção acadêmica sobre o assunto. Quando se fala em

---

<sup>4</sup> No original: “Given the iconographic figure of the melancholic drag queen [...]” (BUTLER, 1993, p.234).

<sup>5</sup> No original: “*Drag* allegorizes some set of melancholic incorporative fantasies that stabilize gender” (BUTLER, 1997, p.163).

<sup>6</sup> São desdobramentos de um produto midiático em subprodutos.

estado da arte, isso significa realizar um levantamento de tudo que foi produzido acerca de um determinado objeto ao qual o pesquisador vislumbra pesquisar. No entanto, esse *tudo* é delimitado por um tempo e por um espaço, isto é: existem recortes de área, de plataforma de banco de dados, de um determinado período que se pretende cobrir. Desse modo, o estado da arte pode ser entendido como um processo de mapeamento e organização valendo-se de uma diversidade de indicadores (FERREIRA, 2002).

A nossa metodologia consiste em fazer um levantamento bibliométrico nos anais dos GPs da Intercom nacional a partir das palavras-chave *drag*, transformista e transformismo, considerando o período de 2001 à 2021. Na primeira etapa fizemos uma análise quantitativa evidenciando três aspectos: o total geral quantitativo dos trabalhos encontrados; a diacronia anual; e, considerações sobre as palavras-chave das pesquisas na tentativa de compreender como as pesquisas na Comunicação estão indexando o tema. Na segunda etapa, apresentamos uma análise qualitativa dos 14 artigos relacionados ao tema aqui discutido, tendo em vista os usos dos termos *drag*, transformismo/transformista e Comunicação. Cabe notar que não foram incluídos os anais de 2004 e 2005, devido à indisponibilidade ao público por problemas técnicos do site em que estão armazenados.

A partir dos resultados das buscas, extraímos os dados e tabulamos as informações de acordo com: 1) Número de amostragem; 2) Título da tese ou dissertação; 3) Autoria; 4) Universidade; 5) Palavras-Chave e 6) ano de publicação, tendo como base de ordenação o último critério. Além disso, junto ao ano, acrescentamos o GP em que os artigos foram apresentados. A seguir, no quadro 1, são indicadas as pesquisas encontradas.

<b>Amostra</b>	<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Instituição / Grau</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Ano / GP</b>
01	Travestis, transformistas, <i>drag-queens</i> , transexuais: pensando a construção de gêneros e identidades na sociedade contemporânea	Juliana Gonzaga Jayme	PUC-Minas Doutorado	Gênero, Identidades, Sociedade Contemporânea	2002 (25º encontro) / NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias
02	Rolézinho <i>drag</i> : as máscaras da mobilidade vigiada	Paulo Alan Deslandes Fragoso	UFF / Mestrado	Rolézinho; <i>drag queen</i> ; gênero; teoria <i>queer</i> ; desatenção civil	2017 (40º encontro) / GP Comunicação

					e Cultura Digital
03	K.O.: O nocaute remix da <i>drag</i> Pablllo Vittar	Rose de Melo Rocha; Danilo Postinguel	USP; ESPM Mestrado e Doutorado	Pablllo Vittar; subjetividade remix; <i>drag</i> -ativismo; comunicação e entretenimento	2017 (40º encontro) / GP Comunicação e Culturas Urbanas
04	Lip Sync for your life”: corpo e performance nas dublagens de RuPaul’s <i>Drag Race</i>	Daniel Magalhães de Andrade Lima	UFPE Mestrado	<i>Drag queen</i> ; dublagem; performance; voz; canção;	2018 (41º encontro) / GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros
05	I’m just here to fight: Revisitando o estereótipo da angry black woman em RuPaul’s <i>Drag Race</i>	Matheus Bibiano; Caio Melo da Silva; Fábio Freitas	UFF Mestrado e Graduação	reality show; rupaul’s <i>drag</i> race; estereótipo; representação racia	2019 (42º encontro) / GP Estudos de Televisão e Televisualidades
06	O babado é certo: análise midiática de videoclipe de <i>drag queen</i> mato-grossense durante o período de eleições presidenciais	Ayrton Senna Seraphim do Amaral; Andréa Ferraz Fernandez	UFMT Mestrado e Doutorado	Videoclipe; <i>Drag Queen</i> ; Música; Comunicação.	2019 (42º encontro) / GP Comunicação, Música e Entretenimento
07	Que femininos são esses?: O “anti-camp” das <i>drag queens</i> brasileiras na música	Lívia Pereira	UFPE Mestrado	<i>drag queen</i> , camp, performance, teoria <i>queer</i> .	2019 (42º encontro) / GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros
08	RuPaul’s Secret Celebrity <i>Drag Race</i> : uma experiência na cultura <i>Drag</i>	Dalvan Alves Siteneski	UTP Mestrado	Televisão; <i>Drag Queens</i> ; RuPaul’s <i>Drag Race</i> ; Reality Show.	2020 (43º encontro) / GP Estudos de Televisão e Televisualidades
09	A espectralidade de afeto <i>queer</i> em RuPaul’s <i>Drag Race</i>	Lucas Bragança	UFF Doutorado	<i>drag queen</i> ; mídia; corpo; espectralidade; afeto	2018 (43º encontro) / GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros
10	Rita Von Hunty: visibilidade midiática e engajamento político em uma <i>Drag Queen</i>	Tarcyane Cajueiro Santos; Francisco Sirtori	UNISO Docente e Mestrado	estudos de gênero, identidade e representação; <i>Drag Queen</i> ; Rita Von Runty.	2020 (43º encontro) / GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros
11	Raça, Estética, Etnia e Faixa Etária: O	Luis Henrique Souza Cunha;	UNISINOS – Mestrado;	Reality-show; RuPaul’s <i>Drag</i>	2021

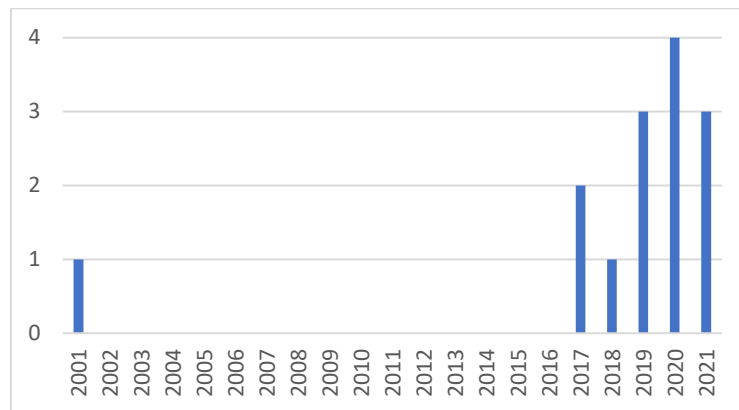
	Preconceito Encontrado no Fandom de RuPaul's <i>Drag Race</i>	Andrei dos Santos Rossetto	ESPM - Docente	Race; <i>Drag Queens</i> ; Facebook.	(43º encontro) / GP Comunicação e Cultura Digital
12	Montações comunicantes: <i>Drag</i> e transformismo para além da representação	Douglas Ostruca	UFRGS Doutorado	<i>Drag</i> ; Transformismo; Comunicação; Corpo; Micropolíticas <i>queer</i> ;	2021 (44º encontro) / GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros
13	Performance <i>Drag</i> como Desobediência em Nasce Uma Rainha	Anderson Gomes Paes Barretto	UFPE Doutorado e Mestrado	Performance; <i>Drag Queen</i> ; Teoria <i>Queer</i> ; Netflix	2021 (44º encontro) / GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros
14	Quem lacra, lucra? Percepções acerca do cancelamento de super <i>drags</i> no Brasil pós-eleição	Lucas Bragança	UFF Doutorado	<i>Drag Queen</i> ; Cultura LGBT; Brincadeira Política; Conservadorismo; Animação.	2021 (44º encontro) / GP Ficções seriadas

**Quadro 1** – Artigos publicados nos anais da Intercom de 2001 à 2021

**Fonte:** elaborado pelos autores.

## Resultados

Conforme já mencionado, retornaram 14 trabalhos a partir das buscas realizadas com as palavras-chave indicadas nos anais dos GPs do Intercom nacional, entre 2001 e 2021. O primeiro estudo encontrado no recorte proposto é “Travestis transformistas, drag *queens*, transexuais: pensando a construção de gêneros identidades na sociedade contemporânea” (JAYME, 2002). Esse artigo faz menção à tese “Travestis, transformistas, drag-*queens*, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa” (JAYME, 2001). Embora a tese não tenha sido produzida especificamente no campo da Comunicação, podemos considerar que esse é um dos estudos pioneiros acerca dos fenômenos *drag* e transformista relacionados ao campo de modo amplo, tratando-se das Ciências Sociais. Cabe notar que o próximo estudo sobre o tema aparece apenas nos anais de 2017, havendo um hiato de 14 anos, conforme pode ser notado abaixo, no quadro 2:



**Quadro 2** – Gráfico dos trabalhos de análises da Intercom nacional em diacronia

**Fonte:** elaborado pelos autores.

A partir de um sobrevoo nas palavras-chaves usadas pelas/pelos autoras/autores dos 14 trabalhos, identificamos 13 recorrências do termo *drag*, havendo algumas variações como, *drag queen*; *drag-ativismo*; *drag race*. O termo transformismo aparece como palavra-chave em apenas um trabalho. Já o termo comunicação é recorrente como palavra-chave de 3 estudos. Por fim, dentre outros termos que compõem essa constelação de palavras-chave estão: gênero, identidades, teoria *queer*, performance, corpo, dublagem, televisão, mídia, representação, brincadeira política, micropolíticas *queer*. Com isso, notamos uma multiplicidade nos modos de abordagem dos fenômenos *drag* e transformista no campo da Comunicação, com destaque para o corpo — atravessado pelas identidades e pela performance.

Quanto aos Grupos de Pesquisa, chama a nossa atenção que embora inaugurado em 2018, o GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros é o que mais concentra trabalhos com enfoque nos fenômenos *drag* e transformista, havendo 6 estudos discutidos nesse espaço no período de 3 anos. No GP Comunicação e Cultura Digital foram 2 estudos, no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, também 2 estudos. Já nos GPs Comunicação e Culturas Urbanas; Comunicação, Música e Entretenimento; e, Ficções seriadas, existe 1 estudo em cada com o tema *drags* e/ou transformistas. Esses dados nos mostram que embora haja amplitude na abordagem dos fenômenos aqui em questão, existe concentração quanto as questões que perpassam a estética, as políticas do corpo e as relações de gênero.

Ainda considerando essas pesquisas em termos quantitativos, cabe indicar que 7 deles são produzidos a partir da região Sudeste, 3 no Nordeste, 3 no Sul e 1 no Centro-

oeste. Essas informações apontam para uma concentração dos estudos no Sudeste, além de outros dois eixos – Sul e Nordeste. Portanto, esses dados evidenciam um dos limites quanto aos olhares sobre as cenas *drag* e transformistas no campo da Comunicação, os quais permanecem restritos às regiões indicadas.

\*\*\*

Com base na análise qualitativa, chama a atenção que o *reality show RuPaul's Drag Race* é tema de 5 das 14 investigações encontradas, aparecendo já nos títulos (LIMA, 2018; BIBIANO, SILVA, FREITAS, 2019; SITENESKI, 2020; BRAGANÇA, 2020; CUNHA, ROSSETTO, 2020). Também é recorrente a localização de tal *reality* como um dos elementos envolvidos no impulso da cultura *drag* no contexto contemporâneo, assunto que é tema central do trabalho “A espetatorialidade de afeto queer em RuPaul's Drag Race” (BRAGANÇA, 2020). Embora os termos transformismo e/ou transformista apareçam em 9 dessas pesquisas (JAYME, 2002; BIBIANO; SILVA; FREITAS, 2019; SITENESKI, 2020; BRAGANÇA, 2019; SANTOS; SIRTORI, 2020; CUNHA, ROSSETTO, 2020; COUTINHO; BARRETO, 2021; BRAGANÇA, 2021; OSTRUCA, 2021), parece que apenas “Montações comunicantes: drag e transformismo para além da representação” (OSTRUCA, 2021) situa algumas especificidades desse tema.

Em específico, do conjunto de 14 estudos considerados na análise qualitativa, 6 pesquisas apresentam compreensões das práticas *drag queen* próximas às definições recorrentes em dicionários; em outras 6 pesquisas, não há rigidez na definição dos sentidos, dessas, algumas incluem articulações próprias em relação a essas práticas; por fim, 2 estudos não apresentam discussão localizada em relação ao termo aqui em questão.

Quanto ao primeiro grupo de investigações (JAYME, 2002; FRAGOSO, 2017; BIBIANO; SILVA; FREITAS, 2019; SITENESKI, 2020; SANTOS; SIRTORI, 2020; BARRETO, 2021), as *drag queens* são situadas como personagens construídos por atores no contexto de um espetáculo que é apresentado para um público<sup>7</sup>. Podemos dizer que

---

<sup>7</sup> É nesse caminho que um dos estudos apresenta a seguinte definição “A *drag queen* é um corpo performático, artificial, uma vez que a drag só ‘aparece’ quando o corpo está ‘montado’. Quando o performer ‘tira’ a drag do seu corpo, isto é, quando se desmonta, volta a ser um corpo performativo de sua real identidade de gênero” (BARRETO, 2021, p.7). Vemos uma formulação parecida em “Por meio do uso de técnicas de maquiagem e indumentárias com traços de natureza postiça, o artista desenvolve seu personagem Drag, que nada mais é que uma representação performática de um gênero distinto ao do próprio

essas definições apresentam uma delimitação rígida, aproximando-se das acepções de dicionários. No caso do dicionário eletrônico Houaiss (2009), o termo *drag queen* é datado em 1990, aparecendo como “homem que se veste com roupas extravagantes de mulher e imita voz e trejeitos tipificadamente femininos, ger. apresentando-se como artista em shows etc.”.

No segundo grupo de pesquisas (ROCHA, POSTINGUEL, 2017; LIMA, 2018; PEREIRA, 2019; BRAGANÇA, 2020; OSTRUCA, 2021; BRAGANÇA, 2021) percebemos que as compreensões das práticas *drag queen* não decorrem a partir de uma categoria fechada e estável. Nesses casos, existem articulações conceituais que parecem fazer os sentidos em torno do termo *drag queen* variarem em relação com as discussões apresentadas em cada estudo. Lívia Pereira (2012) parte das relações entre *drag queens* e a estética Camp, tendo em vista características como a teatralidade, o deboche e o exagero. Contudo, em suas análises de videoclipes com *drags queens* brasileiras a autora percebe uma postura que chama “anti-camp”, havendo reafirmação de feminilidades padronizadas segundo configurações heteronormativas.

Ao investigar repercussões da série de animação *Super Drags*, Lucas Bragança (2021) discorre sobre as performances *drag* colocando em primeiro plano as figuras da sátira e da ironia, as quais para o autor implicam uma postura política que opera pela via da brincadeira enquanto jogo. Em artigo do ano anterior, Bragança (2020) situa as práticas *drag queen* a partir da articulação dos conceitos de afeto e performance. É em relação a isso que o autor localiza a propulsão das cenas *drag* contemporâneas pelo programa *RuPaul’s Drag Race*, conforme já mencionado.

Já Daniel Magalhães de Andrade Lima (2018), em sua abordagem das dublagens *drag queen* em *RuPaul’s Drag Race*, argumenta que essas performances vão além de uma imitação, porque para expressar o grão da voz que canta através da gestualidade é necessário haver envolvimento físico do corpo que dubla em relação à música dublada. Além disso, o autor situa as performances num espaço entre a reiteração de convenções e o improvisado, sugerindo que uma forma de expressão singular emerge no instante em que acontece a performance. A partir disso, Lima propõe o que chama de uma “ética da

---

artista” (SITENESKI, 2020, p.4). Retomando o estudo pioneiro no campo da Comunicação temos que “[...] *Drag-queens* também se vestem como mulher apenas em eventos rituais, mas essa mulher é caricatural [...]” (JAYME, 2002, p.12).



dublagem”, onde ao ser interpelado pela música, o sujeito que dubla se constrói através dessa relação, sendo as expressões visíveis na gestualidade efeitos dessa negociação.

É em relação a esse movimento de investigar as performances *drag queen* e transformistas para além do seu caráter imitativo — pautado pela representação cênica, que Douglas Ostruca (2021) discorre sobre o tema. É pesquisadorie parte da sugestão de que a redução dessas performances à imitação de códigos de gênero envolve uma homogeneização de tais práticas em torno de uma definição estável. Em vista disso, nesse artigo as montações *drag* e transformistas são compreendidas a partir de conceitos como *biodrag*, *devir king* e *travestismo somático*, os quais levam a um deslocamento da centralidade do sujeito que constrói um personagem nas práticas *drag* e transformistas. Com isso, é o próprio sujeito que ao estabelecer relações numa montagem é transformado no processo, sendo a demarcação da diferença rígida entre sujeito e personagem secundária — um dentre outros efeitos possíveis.

Essa zona de indiscernibilidade entre performer e personagem como aspecto implicado nas montações *drag* e transformistas, também aparece no artigo “K.O.: O nocaute remix da *drag* Pablllo Vittar” (ROCHA, POSTINGUEL, 2017). Nesse caso, as/os pesquisadoras/es percebem a relação de coexistência entre a persona Pablllo Vittar e o sujeito Phabullo Rodrigues da Silva, sugerindo que uma expressão permanece de modo fantasmático junto a outra. Essa arguição é um desdobramento da fala de Vittar, quando o/a artista menciona o estranhamento que surge em relação a si mesmo depois de se desmontar.

Por fim, no terceiro grupo de textos (AMARAL; FERNANDEZ, 2019; CUNHA; ROSSETTO, 2020) não foram encontrados desdobramentos específicos sobre as compreensões acerca de *drag* e transformista. Nesses casos, ou os termos *drag* e transformista são usados para se referir a sujeitos específicos no trabalho, não sendo tema central na arguição, ou, esses fenômenos permanecem apenas como objeto empírico do estudo, não sendo desenvolvidos teoricamente.

Além do que foi pontuado até aqui, um aspecto a ser destacado é que o transformismo fica em segundo plano nesses estudos, sendo costumeiramente localizado apenas de modo diacrônico em relação à cena *drag* (BRAGANÇA, 2019; BRAGANÇA, 2021; SITENESKI, 2020; BARRETO, 2021). Se por um lado, o auge das cenas transformistas decorreu anteriormente ao aumento da visibilidade das cenas *drag queen*. Por outro lado, isso não significa que uma anula ou substitui a outra. Outro caminho de

---

investigação é considerar essas cenas diacronicamente e sincronicamente, notando seus entrecruzamentos e afastamentos.

Entre as pesquisas que apresentam alguma exceção na compreensão das relações entre *drag* e transformismo é o trabalho “*I’m just here to fight: revisitando o estereótipo da angry black woman em RuPaul’s Drag Race*” (BIBIANO; SILVA; FREITAS, 2019). Nesse caso, os autores sugerem que “[...] Uma *drag queen* não deixa de ser um tipo de ‘transformista’, pois o uso das roupas está ligado a questões artísticas – a diferença é que a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero” (BIBIANO; SILVA; FREITAS, 2019, p. 1). Nisso, ao invés do transformismo ser posicionado como um fenômeno anterior ao *drag* em termos cronológicos, é a própria expressão *drag* que é englobada pelo transformismo, tornando-se uma variação deste. Já a distinção entre essas formas de expressão pautada pela diferença no grau de exagero das caracterizações nos parece incerta. Conforme aponta o estudo de Livia Pereira (2019), as performances de algumas *drags* brasileiras envolvem reafirmação de padrões de feminilidade heteronormativos, configurando o que ela chama de postura “anti-camp”, tópico já discutido anteriormente.

Entre as autoras e autores recorrentes nesse conjunto de estudos para tratar das *drag queens*, identificamos Judith Butler. Isso reforça nossa sugestão de que as investigações dessa filósofa funcionam como propulsores dos estudos sobre o fenômeno *drag* no campo da Comunicação. Ademais, outro efeito da referência a essa autora nesses casos é o entrelaçamento com os “problemas de gênero” pelos quais a filósofa ganhou notoriedade acadêmica. Ainda para abordar o fenômeno *drag*, localizamos com alguma frequência menções à Guacira Lopes Louro e Paul-Beatriz Preciado, aqui, o debate também aparece atravessado por questões de gênero. Já as referências à Susan Sontag costumam ser para inserir nas arguições a estética Camp. Ainda em se tratando das *drags*, encontramos pontualmente referências à Roger Baker, Anna Paula Vencato, Nathalia Campanela, Maria Teresa Vargas Chidiac e Leandro Castro Oltramani. Ademais, para fazer menção às transformistas, são retomados os estudos de João Silvério Trevisan<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Além da referência aos trabalhos que tratam especificamente sobre drags, vemos nos artigos publicados nos anais da Intercom nacional a recorrência de Stuart Hall para argumentar acerca das identidades e dos estereótipos. Diana Taylor é outra referência frequente, nesse caso, para discorrer acerca das performances. Dentre outras articulações pontuais, observamos Michel Foucault para tratar do corpo e da sexualidade; Sueli Carneiro, Frantz Fanon e Audre Lorde, para desdobrar questões raciais; Erving Goffman para aludir à fachada; Gregory Bateson e Rachel Caufield, para expor a sátira; Gilles Deleuze, Félix Guattari e Sueli Rolnik como base para debater micropolítica e subjetividade; Michel Hardt com a política e os afetos.

---

Além de considerar os autores recorrentes nas referências, para identificar pistas sobre as questões postas pelos fenômenos *drag* e transformistas para o campo da Comunicação, observamos a construção dos objetos de conhecimento das pesquisas aqui estudadas. Percebemos uma recorrência das discussões sobre relações de gênero, identidades culturais, performances e resistências aos sistemas de normalização dos corpos. Além disso, notamos pontualmente argumentações acerca da perpetuação de estereótipos raciais e preconceitos também implicados nos fenômenos *drag* e transformistas. Portanto, podemos dizer que ao serem investigados na Comunicação, esses fenômenos (re)forçam no campo um olhar crítico acerca dos sistemas que produzem e organizam os corpos, bem, como, garantem a manutenção das performances sociais.

\*\*\*

Quanto ao rastreamento do termo comunicação nos 14 trabalhos localizados nos anais dos GPs da Intercom nacional, notamos que ele aparece menos de 10 vezes no corpo dos textos em 13 casos. Nisso, excluimos da contagem as recorrências presentes no cabeçalho referente ao evento e as notas de rodapé referente ao grau de formação da autoria e ao PPG que se encontra vinculada/do. Isso pode sugerir que embora os estudos analisados sejam realizados no campo da comunicação, ao ser articulado com o transformismo e o *drag*, o fenômeno comunicacional em si permanece em segundo plano, ou, até mesmo, ausente nessas discussões.

Em busca de mais pistas sobre como decorrem essas articulações, levamos em conta o contexto em que o termo comunicação aparece nos trabalhos. O mais recorrente é a noção de meios de comunicação, havendo algumas variações como meios de comunicação de massa; e, tecnologias de comunicação e informação, as quais aparecem em cerca de 7 estudos. Também aparece com alguma frequência a comunicação entendida como interação social, com uma variação mais abrangente enquanto relação entre corpos, presentes em cerca de 6 pesquisas. Outra forma de aparição da comunicação é enquanto campo de estudos, em torno de 4 investigações incluem esse uso.

Pontualmente, a comunicação é situada como processo operacionalizado via linguagens corporais; como fluxos de comunicação e informação nas redes telemáticas; como processo polissêmico; como teoria da biomídia; como comunicação publicitária; e, como comunicação visual. Além disso, ao articular comunicação e performance, Lucas

---

Bragança (2020) situa o afeto em si como meio de comunicação. Em relação a isso, em trabalho realizado anteriormente (OSTRUCA, 2021), o qual também está incluso entre os materiais desse estado da arte, sugerimos que em um de seus aspectos a comunicação opera por ressonância de forças entre corpos (ROLNIK, 2018), o que também pode ser pensado na relação com uma comunicação transversal, uma comunicação das diferenças, uma comunicação aberrante, uma comunicação menor (ARAÚJO, 2020; DELEUZE; GUATTARI, 2011).

A partir do que vimos até aqui, podemos dizer que através de olhares provindos do campo da comunicação, são destacados nos fenômenos *drag* 1. Suas relações com os meios de comunicação; 2. As interações sociais decorrentes das montagens; 3. As dinâmicas dos afetos implicados nas performances *drag*.

Quanto ao primeiro ponto, vemos abordagens sobre os processos de midiatização da cultura *drag*, onde são consideradas tanto os modos como as *drags* são visibilizadas nos meios de comunicação e informação, quanto o papel que tal visibilidade tem nas cenas. No segundo aspecto, vemos uma ênfase sobre a interação entre os indivíduos montados e o público, considerando-se aspectos das linguagens aí envolvidas e os efeitos das performances nessas relações. Já pela terceira via, parece haver desdobramentos de características dos processos comunicacionais que decorrem no plano dos afetos, nesse caso, dá-se a ver nas dinâmicas comunicacionais um movimento de forças que atravessam os corpos, compondo-os e transformando-os.

Cabe notar que as três abordagens identificadas não aparecem separadas no conjunto de estudos aqui analisados, elas são articuladas em conjunto, cada uma dando a ver distintos aspectos comunicacionais nos fenômenos estudados. Dessas, a terceira é a que menos se encontra desenvolvida nos trabalhos, ficando em aberto um caminho a ser construído num esforço coletivo. Nesse sentido, podemos dizer que é no desdobramento dessa terceira via que um olhar comunicacional pode complexificar o estudo dos fenômenos *drag* e transformistas. Isso, ao mesmo tempo em que a investigação de tais fenômenos pode apresentar contribuição aos saberes desenvolvidos no campo da comunicação, tendo em vista uma ampliação das zonas de conhecimento e das formas de conhecer aí decorrentes.

### **Considerações finais**

---

De modo geral, a partir da investigação dos 14 artigos sobre os fenômenos *drag* e transformista publicados nos anais dos GPs da Intercom Nacional, notamos que esses estudos passam a ser mais frequentes na Comunicação a partir de 2017. Além disso, entre as questões que perpassam essas discussões estão as relações de gênero, as identidades culturais e as performances. Nesse sentido, podemos dizer que esses estudos reforçam no campo da Comunicação a investigação crítica acerca dos modos de organização dos corpos, suas relações e formas de expressão. De outro modo, embora as discussões sobre a comunicação em si fiquem em segundo plano, notamos que existem três aspectos que implicam recortes comunicacionais sobre os fenômenos estudados: 1. a relação com as mídias; 2. as interações sociais; 3. as micropolíticas dos afetos.

Ademais, cabe destacar que apesar de haverem distintos pesquisadoras, pesquisadores e pesquisadores no âmbito dos estudos *queer* discutindo os fenômenos *drag* (HALBERSTAM, 1998; 2005; PRECIADO, 2014; 2018; BOURCIER; 2020), Judith Butler é a única com referências. Se por um lado, isso demonstra relevância no papel da filósofa para a propulsão desses estudos. Por outro lado, devemos considerar que isso pode gerar uma centralização do debate em torno das questões postas por essa autora. Em relação a isso, notamos que o fenômeno transformista é invisibilizado nos estudos analisados, sendo comumente situado apenas de modo diacrônico em relação às cenas *drag*. Outro ponto cego das investigações são as questões raciais, presentes como tema central em apenas dois trabalhos (BIBIANO; SILVA; FREITAS, 2019; CUNHA; ROSSETTO, 2021).

Por fim, entre as limitações da presente investigação destacamos que não foram considerados os anais de 2004 e 2005, por dificuldades técnicas de acesso. Além disso, como nem todos os anais apresentam buscadores automatizados, isso significa que em alguns casos as buscas foram manuais e, por isso, os resultados incluem apenas os trabalhos em que as palavras-chave de busca constam nos títulos. Ademais, tendo em vista que nosso recorte foi sobre os anais dos Grupos de Pesquisa da Intercom, não consideramos na presente pesquisa os artigos do Intercom Junior, o que deixa uma tarefa em aberto para futuros estudos. Como continuidade do presente estado da arte, temos intenção de mapear as teses e dissertações sobre os fenômenos *drag* e transformistas publicadas no portal da CAPES, tendo como recorte as grandes áreas das Ciências Sociais; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes.

---

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Ayrton Senna Seraphim do; FERNANDEZ, Andréa Ferraz. O Babado é certo: análise midiática de videoclipe de drag *queen* mato-grossense durante o período de eleições presidenciais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2019.
- ARAUJO, André Corrêa da Silva de. **Deleuze e o problema da comunicação**. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212468>. Acesso em: 7 out. 2020.
- BARRETTO, Anderson Gomes Paes. Performance drag como desobediência em nasce uma rainha. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Pernambuco (Virtual). **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2021.
- BIBIANO, Matheus; SILVA, Caio Melo da; FREITAS, Fábio. I'm just here to fight: Revisitando o estereótipo da angry black woman em RuPaul's Drag Race. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2019.
- BOURCIER, Sam. **Homo incorporated**: o triângulo e o unicórnio que peida. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2020.
- BRAGANÇA, Lucas. A espectralidade de afeto *queer* em RuPaul's Drag Race. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2018.
- \_\_\_\_\_. Quem lacra, lucra? Percepções acerca do cancelamento de Super Drags no Brasil pós-eleição. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Pernambuco (Virtual). **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2021.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: on the discursive limits of "sex". New York: Roudedge, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Gender Trouble**: feminism and the subversion of identity. New York; London: Routledge, 1999.
- \_\_\_\_\_. **The psychich life of power**: theories in subjection. Stanford, California: Stanford University Press, 1997.
- CUNHA, Luis Henrique Souza; ROSSETTO, Andrei dos Santos. Raça, estética, etnia e faixa etária: o preconceito encontrado no fandom de RuPaul's Drag Race. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Pernambuco (Virtual). **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs Vol. I**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FERREIRA, Norma. Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e Sociedade**, n. 79, 2002.
- FRAGOSO, Paulo Alan Deslandes. Rolézinho drag: as máscaras da mobilidade vigiada. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom. 2017.

---

HALBERSTAM, Jack. **Female Masculinity**. Durham; London: Duke University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. 2005.

\_\_\_\_\_; VOLCANO, Del LaGrace. **The drag king book**. [s.i]. 1999.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: pensando a construção de gêneros e identidades na sociedade contemporânea. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 15., 2002, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2002.

\_\_\_\_\_. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de belo horizonte e lisboa**. 2001. - Universidade Estadual de Campinas, 2001.

LIMA, Daniel Magalhães de Andrade. “Lip sync for your life”: corpo e performance nas dublagens de RuPaul’s Drag Race. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2018.

OSTRUCIA, Douglas. Montagens comunicantes: Drag e transformismo para além da representação. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 44., 2021, Pernambuco (Virtual). **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2021.

PEREIRA, Livia. Que femininos são esses?: O “anti-camp” das drag queens brasileiras na música. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo. K.O.: O nocaute remix da drag Pabllo Vittar. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; SIRTORI, Francisco. Rita Von Hunty: visibilidade midiática e engajamento político em uma Drag Queen. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 43., 2020, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2020.

SITENESKI, Dalvan Alves. RuPaul’s Secret Celebrity Drag Race: uma experiência na cultura Drag. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 43., 2020, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom. 2020.